

**O PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO COMO FERRAMENTA
DE INCLUSÃO DA GRAMÁTICA HISTÓRICA
EM SALA DE AULA**

Emerson Ribeiro da Silva do Nascimento (UEMS)

emerson_rsn@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

Pesquisar a respeito da percepção das mudanças já ocorridas no português brasileiro frente às mudanças ainda em curso, tanto em aspectos fonológicos quanto em aspectos morfológicos, abre um leque de possibilidades de aprofundamento em temas que atingem de maneira muito positiva a atuação dos docentes de Língua Portuguesa e interessados no assunto. Utilizando-se do tempo verbal Pretérito Mais-que-perfeito como fio condutor da análise, o presente artigo pretende apresentar a importância do estudo da Gramática Histórica para ampliação dos horizontes tanto dos profissionais docentes quanto dos estudantes de Língua Portuguesa. Para isso, apresentará o caminho percorrido pela língua portuguesa até chegar à forma em uso na atualidade, apontando o processo evolutivo dos registros do Pretérito Mais-que-perfeito em alguns momentos históricos, culminando na condição atual do tempo verbal que tem sua forma simples substituída pela composta.

Palavras-chave:

Gramática histórica. Mudança linguística. Pretérito Mais-que-perfeito.

RESUMEN

Investigar sobre la percepción de los cambios que ya se han producido en el portugués brasileño frente a los cambios aún en curso, tanto en los aspectos fonológicos como en los morfológicos, genera muchas posibilidades para profundizar temas que inciden de manera muy positiva en el desempeño de los profesores de lengua portuguesa e interesados en el tema. Utilizando el tiempo verbal Pretérito Pluscuamperfecto como hilo conductor del análisis, este artículo pretende presentar la importancia del estudio de la Gramática Histórica para ampliar los horizontes tanto de los profesionales de la enseñanza como de los estudiantes de Lengua Portuguesa. Para ello, se presentará el camino recorrido por la lengua portuguesa hasta llegar a la forma en uso en la actualidad, señalando el proceso evolutivo de los registros del Pretérito Pluscuamperfecto en algunos momentos históricos, culminando en la condición actual del tiempo verbal que tiene su forma simple reemplazada por la compuesta.

Palabras clave

Gramática Histórica. Cambio lingüístico. Pretérito Pluscuamperfecto

1. Introdução

As aulas de Língua Portuguesa têm uma característica muito particular que as distingue das demais disciplinas do currículo escolar: a bagagem trazida pelos discentes, que têm, na grande maioria dos casos, o português como língua materna. Isso possibilita questionamentos mais profundos e desafia os docentes a conhecerem suficientemente a língua que ensinam para que as respostas sejam proporcionais à profundidade das indagações propostas pelos alunos. Assim, são comuns questionamentos como:

– Por que não escrevemos “casa” com “z” no lugar do “s”?

– Por que utilizamos a letra “h” no início das palavras se ela não tem som?

– Por que se escreve “docente” com “c” e “discente” com “sc”?

Responder a questionamentos como esses, normalmente, exige que o professor recorra a um repertório teórico do qual, nem sempre, dispõe. Essa ausência de base teórica, potencialmente, constrange o docente e desestimula o discente. Dessa forma, a Gramática Histórica apresenta-se como fonte para um estudo da língua de maneira comparativa em relação ao contexto histórico em que está inserida e das diversas influências a que cada momento histórico expôs a língua em uso. Ademais, a Gramática Histórica pressupõe o estudo diacrônico da língua, no qual se leva em conta o “caminho” percorrido pela língua até chegar ao formato em que se encontra na atualidade, comparando-se os estágios do objeto da análise a cada recorte histórico.

O presente artigo busca apresentar contribuições práticas da Gramática Histórica para um ensino de Língua Portuguesa mais aprofundado e motivador para os estudantes. Dessa forma, partiremos de uma visão geral da origem da língua portuguesa, abordaremos o ponto específico referente à evolução do tempo Pretérito Mais-que-perfeito sob uma visão histórica e, por fim, a pertinência desse tipo em relação à Base Nacional Comum Curricular.

2. Origem da língua portuguesa

Por ser uma língua de origem latina, o português herdou de sua antepassada diversas características fonéticas, morfológicas e sintáticas,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

portanto, cabe uma reflexão sobre o latim que desembarcou no oeste da Península Ibérica. Segundo Santos (2016),

[...] a língua latina era apenas uma, mas, assim como acontece com todas as línguas, dividia-se em mais de uma realização. Havia, então, a variante culta, conhecida como *sermo nobilis*, e a variante coloquial, isto é, de uso popular, denominada *sermo vulgaris*. A primeira era destinada aos patrícios, e a segunda, aos plebeus. [...]

É importante destacar que, apesar do que possa parecer, essa língua, viva, era utilizada não somente pela plebe, mas por todos os seguimentos da sociedade, incluindo aqueles que abrangem os usuários do *sermo nobilis*. (SANTOS, 2016, p. 3-4)

A autora ainda ressalta que isso explica o fato de autores como Serafim da Silva Neto optarem por classificar o *sermo vulgaris* como “latim corrente”.

Tendo em vista que a língua falada pelos soldados romanos era o latim vulgar, evidencia-se que os povos por eles conquistados acabavam por absorvê-la, como também os próprios soldados absorviam a língua desses povos. Nas palavras de Botelho (2013)

É natural que a linguagem dos soldados romanos, os quais conquistavam terras longínquas, se distanciasse da linguagem daqueles que mantinham um contato mais direto e efetivo com Roma. Além de a distância dificultar e até mesmo impedir o contato com os falares de Roma, que também se modificava rapidamente, o contato com as linguagens dos habitantes de cada região conquistada criava novos padrões linguísticos. E, embora constituíssem substratos para o latim, as línguas dos povos conquistados influenciavam o latim vulgar da península, tornando-o cada vez mais diferente da língua de Roma. (BOTELHO, 2013, p. 146)

Botelho esclarece ainda que não se deve considerar o latim como única origem da língua portuguesa, tampouco que esta tenha se originado diretamente daquele, mas sim, que o português é uma miscelânea de várias outras línguas (Cf. BOTELHO, 2013, p. 145).

Assim, após uma sequência de fatos históricos ocorridos na península Ibérica que incluem invasões como as dos povos germânicos, suevos, visigodos e muçulmanos e, em toda a Europa, a queda do Império Romano, foram-se estabelecendo o território do que hoje conhecemos como Portugal e a língua do povo nativo daquela região.

Segundo Teyssier (2014),

Os primeiros textos escritos em português surgem no século XIII. Nessa época, o português não se distingue do galego, falado na província (hoje espanhola) da Galícia. Essa língua comum – o galego-português ou galai-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

co-português – é a forma que toma o latim no ângulo noroeste da Península Ibérica. (TEYSSIER, 2014, p. 6)

Dessa forma, o galego-português configurou-se como uma intermediária entre o latim e a língua portuguesa. Nas palavras de Botelho (2013, p. 153), o romance galaico-português (ou o galego-português) “constitui o conjunto de evoluções do latim vulgar”.

Após a separação definitiva da Galícia, o território e a língua portuguesa estabeleceram-se de maneira mais autônoma. Até que, no início do século XV, as Grandes Navegações trouxeram os portugueses, e sua língua, ao território brasileiro. A vinda dos portugueses fez com que, forçosamente, africanos também desembarcassem no país para exploração de sua mão de obra sob regime de escravidão. O contato entre portugueses, africanos e indígenas nativos do Brasil, no início do século XVIII, caracterizou uma situação linguística descrita por Teyssier (2014) como

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tomado uma língua comum. (TEYSSIER, 2014, p. 62)

Uma tentativa de impor a língua portuguesa em território brasileiro partiu de Marquês de Pombal, que, em 1758, proibiu o uso da língua geral, obrigando o uso da língua europeia oficialmente.

No entanto, o fato que impactou, verdadeiramente, a mencionada situação linguística foi a chegada da família real portuguesa ao Brasil, no início do século XIX, que, acompanhada por todo o aparato administrativo e cultural da nobreza, utilizando-se a expressão de Paul Teyssier, “re-lusitanizou” o Rio de Janeiro.

Com esse breve histórico, podemos ter uma ideia da trajetória seguida pela língua até chegar à forma como a utilizamos na atualidade. Vale lembrar que houve muitos outros fatos históricos relevantes na formação do português brasileiro, no entanto, o que pretendemos aqui foi, tão somente, dar um norte sobre os fatos.

3. O caso do Pretérito Mais-que-perfeito

Como forma de apresentar a possível abordagem de um tema presente nos currículos de ensino regular e editais de processos seletivos, fa-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

remos um breve estudo sobre aspectos históricos que influenciaram na formação da estrutura verbal em uso na atualidade.

De maneira mais específica, definiremos como fio condutor a visão da Gramática Histórica quanto ao tempo verbal Pretérito Mais-que-perfeito simples do Modo Indicativo, que, na língua latina, observamos como correspondente, quanto ao sentido, o tempo *Plusquamperfectum*, que possui a seguinte estrutura:

Quadro 1: Conjugação de verbos no tempo *Plusquamperfectum* em latim.

<i>Plusquamperfectum</i>					
Nº	Pessoa	1ª Conjugação <i>AMARE</i>	2ª Conjugação <i>VIDERE</i>	3ª Conjugação <i>LEGERE</i>	4ª Conjugação <i>AUDIRE</i>
S i n g u l a r	1ª	<i>amavēram</i>	<i>Vidēram</i>	<i>legēram</i>	<i>Audivēram</i>
	2ª	<i>amavēras</i>	<i>Vidēras</i>	<i>legēras</i>	<i>Audivēras</i>
	3ª	<i>amavērat</i>	<i>Vidērat</i>	<i>legērat</i>	<i>Audivērat</i>
P l u r a l	1ª	<i>amaveramus</i>	<i>Videramus</i>	<i>legeramus</i>	<i>Audiveramus</i>
	2ª	<i>amaveratis</i>	<i>Videratis</i>	<i>legeratis</i>	<i>Audiveratis</i>
	3ª	<i>amavērant</i>	<i>Vidērant</i>	<i>legērant</i>	<i>Audivērant</i>

(Quadro elaborado pelo autor)

Em seguida, apresentaremos as estruturas dos mesmos verbos conjugados no Pretérito Mais-que-perfeito simples do Modo Indicativo no português brasileiro:

Quadro 2: Conjugação de verbos no Pretérito Mais-que-perfeito em português.

Pretérito Mais-que-perfeito					
Nº	Pessoa	1ª Conjugação <i>AMAR</i>	2ª Conjugação <i>VER</i>	2ª Conjugação <i>LER</i>	3ª Conjugação <i>OUVIR</i>
S i n g u l a r	1ª	amara	vira	lera	ouvira
	2ª	amaras	viras	leras	ouviras
	3ª	amara	vira	lera	ouvira

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

P l u r a l	1 ^a	amáramos	víramos	Lêramos	ouvíramos
	2 ^a	amáreis	víreis	Lêreis	ouvíreis
	3 ^a	amaram	víram	Leram	ouvíram

(Quadro elaborado pelo autor)

Inicialmente, já se observa que a forma verbal do Pretérito Mais-que-perfeito simples se encontra, praticamente, em desuso no português brasileiro falado e muito raro na forma escrita, ficando restrita a textos mais eruditos.

Vale lembrar que aspectos fonológicos e morfológicos da língua estão em constante processo de mudança e seguem a trilha preceituada por Labov (1982) que nos ensinou que a mudança linguística é fruto de uma sequência de fases em que se têm formas variantes, inicialmente, coexistindo; posteriormente, competindo; e, finalmente, a variante inovadora sobrepondo-se à antiga.

Dessa forma, cabe uma reflexão sobre o estágio de mudança linguística em que se encontra o Pretérito Mais-que-perfeito simples no português brasileiro, uma vez que, apesar de ainda encontrarmos essa forma verbal nos livros didáticos, no uso cotidiano dos falantes, a variante composta já sobrepôs à simples, faltando apenas o registro nos compêndios tradicionais para finalização do processo de mudança linguística.

A terminologia comumente utilizada, quando se trata dos processos de mudança linguística no campo fonológico, também merece análise. A maneira como o assunto é, geralmente, tratado conduz a uma ideia de que, com o passar do tempo, os sons sofrem transformações até chegarem à condição atual. No entanto, de acordo com Melo, o uso da expressão “transformação de sons” ao se referir ao processo de substituição de fonemas durante o transcurso evolutivo da língua é impreciso, uma vez que, nas palavras do autor:

[...] o fonema não é um ser, menos ainda algo permanente, que possa transubstanciar-se ou alterar-se. O que se dá é outra coisa: é a comunidade linguística que, em dado momento, deixa de pronunciar o /t/ entre vogais e pronuncia, *em seu lugar*, um /d/. Há, portanto, sucessão, - mudança sim, mas de posição ou de atuação dos órgãos articuladores ou fonadores. Não foi *vita* que passou a *vida*: foram os falantes que alteraram a execução fonética do vocábulo primitivo, proferindo uma consoante sonora em vez da surda que dantes se encontrava entre duas vogais. (MELO, 1981, p. 190)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Além disso, verificam-se também alguns mitos a respeito das causas das mudanças fonético-fonológicas, especialmente, quando se busca regularizar e unificar essas causas.

Sobre isso, Grammont (*apud* MELO, 1981) assegura:

Por toda a parte se ensina que são ainda desconhecidas e misteriosas [as causas das transformações fonéticas]. É inexato isso. Acontece que não há uma causa apenas, mas um grande número delas, e o erro da maioria dos que se têm ocupado da questão consistiu exatamente nisto: quando descobriram uma causa de alterações fonéticas, acreditaram ser ela a única e pretenderam tudo a ela reduzir. (GRAMMONT *apud* MELO, 1981, p. 192)

Em análise comparativa entre os quadros 1 e 2, é possível identificar significativa semelhança entre as estruturas dos tempos verbais Pretérito Mais-que-perfeito do português moderno e o *Plusquamperfectum* do latim.

Como já mencionado, não houve uma evolução direta do latim para o português, mas todo um processo de absorção de diversas influências linguísticas que criaram línguas “intermediárias” entre eles.

Em fase posterior ao uso exclusivo do latim, Teyssier (2014) aponta a ocorrência das formas: *venderan / amara / cantáran*, como exemplos de uso do Pretérito Mais-que-perfeito em textos registrados em galego-português. Dessa forma, pode-se identificar que, na transição entre o latim e o galego-português, as formas verbais referentes ao “passado do passado” sofreram processos conhecidos como metaplasmos⁴², tais como a *síncope*, que é a perda de fonema ou sílaba no interior da palavra, e a *apócope*, que é a perda de fonema posicionado no final da palavra.

Assim, verificamos que os metaplasmos ocorridos entre o latim e o galego-português foram mantidos na transição entre o galego-português e o português.

Esse tipo de olhar sobre os fenômenos linguísticos favorece a atuação docente à medida que dá sustentação para afirmações realizadas de maneira sincrônica nas gramáticas normativas e materiais didáticos utili-

⁴² Segundo CAMARA JR. (2009), metaplasmo “designa literalmente ‘mudança de forma’ (gr. *metá* + *plasmós*).”. O autor aponta que “A gramática normativa usou este termo, desde a época greco-latina, quando na língua literária existe uma forma variante do vocábulo, em contraste com outra, considerada normal;”. Afirma ainda que o metaplasmo “indica uma forma que não é normal, mas é admissível, e os que a empregam, ou a encontram, logo a associam à forma normal.”.

zados em sala de aula. Além disso, amplia a perspectiva dos estudantes quanto às mudanças em curso na língua, haja vista que é possível vislumbrar a aplicação desses conceitos de mudança ao uso atual da língua.

4. O Pretérito Mais-que-perfeito nos livros didáticos

Trazendo para o uso moderno e, em especial, para o ensino do português brasileiro, o que se verifica nos materiais didáticos, quando se trata do tempo verbal Pretérito Mais-que-perfeito simples, são apresentações como a de Cereja e Magalhães (2015)

Expressa a ideia de uma ação ocorrida no passado e anterior a outra ação também passada:

*Quando ela **chegou** ao cinema, o filme já **começara**.*

ação ocorrida no passado ação ocorrida no passado, mas anterior à ação de **chegar**.

O pretérito mais-que-perfeito é reconhecido pela presença de -ra/-re. (p. 259)

E, em seguida, os mesmos autores acrescentam a explicação:

Atualmente, na língua coloquial, é muito comum o emprego do pretérito mais-que-perfeito na forma composta. Observe:

*Quando ela **chegou**, o filme já **tinha começado**.*

(começara)

Pretérito mais-que-perfeito composto

Observa-se, no exemplo acima, que os autores atribuíram à forma composta do tempo verbal a condição de proveniente da “língua coloquial” apesar de o uso corrente da língua portuguesa do Brasil, tanto falada quanto escrita, demonstrar que a forma simples fica restrita a textos jurídicos, religiosos ou a expressões idiomáticas como “Quem dera!”.

Já os autores Costa, Nogueira e Marchetti (2018) definem e exemplificam o Pretérito Mais-que-perfeito da seguinte maneira

Exprime uma ideia de ação ocorrida no passado, mas anterior a outra ação também já passada.

*Quando olhei novamente, minha visão já **havia sido** encoberta pelo telhado.* (p. 89)

Nesse caso, os autores nem mesmo mencionaram a forma simples do tempo verbal, diferentemente do que foi apresentado em relação a to-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dos os outros tempos, no entanto, não houve qualquer explicação a respeito da diferença entre as formas.

Ressalta-se que nenhum dos materiais analisados trouxe exercícios que contemplassem o Pretérito Mais-que-perfeito.

Diante disso, o que se percebe é a perda de oportunidades de abordagem da língua que vão além de definições rasas e exemplos forçados, criados com o único objetivo de serem exemplos das respectivas definições e sem muito compromisso com o uso cotidiano da língua.

5. Possíveis abordagens a partir do caso do Pretérito Mais-que-perfeito

Utilizando-se da temática do tempo verbal Pretérito Mais-que-perfeito, é possível ampliar horizontes, promover reflexão sobre a língua sob uma perspectiva histórica e trazer conceitos para o uso atual da língua.

Seguem algumas abordagens que podem utilizar a temática do tempo verbal em análise:

– Trabalho com os metaplasmos: fenômenos linguísticos que explicam mudanças já ocorridas e as ainda em curso na língua;

– Trabalho com os diferentes significados que o tempo verbal pode assumir dependendo do contexto de uso: segundo Coan (2019) o Pretérito Mais-que-perfeito pode assumir as funções de passado do passado; desiderativa; retomada discursiva; passado em relação ao momento de fala; e condição;

– Trabalho com a percepção do estágio de mudança linguística em que se encontra a substituição da forma simples desse tempo verbal por sua correspondente forma composta em comparação com o processo de mudança em curso em relação ao tempo verbal Futuro do Presente, que também caminha para mudança semelhante.

6. Considerações finais

Essa abordagem mais ampla encontra respaldo na recém-publicada Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual se encontra, dentro da Competência Específica 2, da área de Linguagens e Suas Tecnologias para o Ensino Médio, a seguinte Habilidade:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(EM13LGG201) Utilizar adequadamente as diversas linguagens (artísticas, corporais e **verbais**) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, **histórico, variável**, heterogêneo e **sensível aos contextos de uso** (grifo nosso). (BRASIL, 2017, p. 484)

Por ter sido publicada em 2017, a implementação da BNCC ainda está em processo de formação de padrões, o que configura excelente oportunidade para a promoção de formação docente que contemple a visão ampliada das práticas em sala de aula.

Assim, espera-se que a vanguarda dos estudos da linguagem dê espaço para a manutenção e incentivo ao estudo da Gramática Histórica nos cursos de formação de profissionais docentes de Língua Portuguesa, como forma de não apenas atender ao disposto na BNCC, mas para promover a ampliação da visão do estudante a respeito do uso da língua.

O estudo da gramática histórica lança luz sobre os fatos linguísticos aqui relatados e sobre inúmeros outros e é capaz de diminuir a insegurança de docentes de Língua Portuguesa ao serem questionados acerca dos motivos para determinadas estruturas da língua e ampliar os horizontes de pesquisa dos profissionais da área da linguagem.

Isso não quer dizer que será necessário transformar todos os docentes de Português em latinistas profissionais, mas sim que o aprimoramento no entendimento dos processos de mudança linguística poderá despertar interesse de pesquisa não apenas por parte dos próprios docentes, mas também por parte dos alunos, que poderão ser motivados a navegar pelas profundezas históricas da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, José Mario. Um pouco de história externa da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF*, v. XVII, n. 9, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/09/12.pdf. Acesso em: 22 mai. 2021.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Acesso em: 12 de jun. de 2021.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CEREJA, Willian; MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Gramática reflexiva: Texto, semântica e interação*. 3. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.

COAN, Marlúce. LIMA, Ester Vieira de. SAMPAIO, Mariana Freire. Um retrato do pretérito mais-que-perfeito de 1887 a 2012. *Revista D.E.L.T.A.*, 35-2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v35n2/1678-460X-delta-35-02-e2019350209.pdf>. Acesso em: 15 de Fev. 2021.

COSTA, Lopresti Cibele; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta. *Geração alpha: língua Portuguesa*. 7º ano. São Paulo: SM, 2018.

LABOV, W. (1982). Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (Eds). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

SANTOS, Sonia Sueli Berti. *Língua portuguesa e gramática histórica*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2004.